

Investigação transcultural sobre atitudes face aos imigrantes: estudo piloto de Lisboa

Maria do Rosário Dias
Jordi Garcés Ferrer
Francisco Ródenas Rigla

Resumo: O presente artigo inscreve-se no âmbito de um projecto de investigação transcultural envolvendo Espanha, Portugal, Itália e Grécia que tem como objectivo o fomento de atitudes anti-racistas para com os imigrantes e minorias étnicas no sistema educativo. Optou-se pelo desenho quase experimental de série temporal, com pré-teste e pós-teste que, metodologicamente, obteve resultados satisfatórios. A hipótese principal elege como variável independente a informação prestada aos sujeitos, revelando-se como factor determinante para atenuar e mesmo modificar nos jovens a configuração de preconceitos racistas para com os imigrantes. Os resultados obtidos evidenciam mudanças de atitudes reaccionárias para outras mais tolerantes ao nível dos jovens que constituíram a amostra estudada em Lisboa.

Palavras chave: Informação; Imigrantes; Preconceito racial; Xenofobia

Introdução

Confrontamo-nos actualmente com um crescimento alarmante da população mundial, especialmente nas zonas menos desenvolvidas do planeta. Abad, Cucó e Izquierdo (1993), referindo-se às previsões médias da ONU (*World Population Prospects*) assinalam que a população mundial era de 5.292 milhões de habitantes em meados de 1990, cifra que alcançará os 6.261 milhões no final do século e os 8.504 (9.444 milhões segundo previsões mais elevadas) até ao ano 2025. Outras fontes avan-

çam previsões mais elevadas. Por exemplo, na Conferência sobre População e Desenvolvimento de 1994, as previsões para o ano 2050 apontam para os 12.500 milhões de pessoas.

Se nos centrarmos na distribuição da população mundial por zonas, o desequilíbrio populacional torna-se evidente. Enquanto que, em termos actuais, a Europa Ocidental e a América do Norte têm uma população aproximada de 782 milhões de habitantes, na América Latina, África e Ásia concentra-se um total de 4.283 milhões de pessoas, ou seja, mais de 75% da população mundial.

Os países da Europa Ocidental confrontam-se actualmente com um fenómeno migratório que reflecte alterações importantes, não só em termos de composição e procedência mas também no que concerne ao significado económico e implicações sociais. Segundo Abad e colaboradores (1993) poderemos hoje em dia falar de um fluxo migratório quase unidireccional, na medida em que 70% a 80% dos imigrantes que se dirigem para os países industrializados procedem do chamado Terceiro Mundo. Uma outra mudança que hoje em dia se nos depara é o crescimento espectacular da imigração ilegal. De acordo com o Documento J. Salt do Conselho da Europa, datado de 1991, estima-se a existência de um milhão e meio de imigrantes clandestinos em Itália, Espanha, Portugal e Grécia, num total de três milhões. O mesmo Documento refere que, no horizonte do ano 2000, o número de imigrantes naquele conjunto de países é estimado em 5 milhões, dos quais três serão previsivelmente ilegais.

O que globalmente parece evidenciar-se é a existência de um pluralismo cultural desigual, ou seja, nas sociedades economicamente desenvolvidas os imigrantes ocupam uma posição económica e socialmente subordinada que se manifesta segundo diversas formas de exclusão e marginalização (Jimenez Nuñez, 1979; Garcés, Rodenas, Sanchez e Verdeguer, 1996).

O fenómeno da imigração não pode ser considerado como uma problemática sectorial que se esgota em aspectos laborais ou de política de fronteiras, nem como fenómeno externo aos países receptores. Muito pelo contrário, a imigração constitui um processo social complexo que dá lugar a modificações e problemas de vária ordem nas sociedades receptoras. Para além disso, do ponto de vista internacional, a paralisação total do fenómeno migratório é pouco provável e, como refere De Lucas, a imigração pode considerar-se um novo estado da população mundial que se apresenta hoje, mais do que nunca, quase em permanente movimento, um fenómeno de mobilidade social global que afecta crescentemente a geopolítica mundial e a economia internacional (1994: 129).

O respeito para com os imigrantes e pela sua incorporação social e política poderá ser conseguido a partir de diferentes estratégias.

Sem dúvida alguma que seria um êxito conseguir que a cultura dominante fosse mais tolerante no que diz respeito aos valores, crenças e língua dos imigrantes. Todavia, cremos que a tolerância constitui um paradigma político-social proposto pelas instâncias oficiais europeias, que implica um mero consentimento da cultura dominante e, como tal, dos grupos que detêm a autoridade e interpretam as normas e os valores no que respeita a diferenças de ordem cultural, política e social de grupos minoritários (Garcés Ferrer et al., 1996).

O multiculturalismo é um conceito que tem vindo a substituir o conceito de tolerância. Poderá dizer-se que uma sociedade é multicultural quando permite a existência de uma multiplicidade de culturas sem que exista um intercâmbio simbólico e interpessoal entre elas. Poderão existir muitas culturas, como se depreende do significado etimológico do termo multicultural, mas continua a existir uma concepção simbólica monista que meta-intrepreta, hierarquiza e domina este conceito. A tolerância e o multiculturalismo continuam, pois, a ser políticas assimilacionistas dos imigrantes, de modo a que estes acabem por aceitar os valores e os princípios da cultura dominante. A integração, conceito socialmente manipulado sob uma perspectiva funcional, significaria uma espécie de assimilação elegante, sem hostilização, que de forma subtil constitui um marco num Estado de Direito que, constitucional e teoricamente, garante direitos e oportunidades para todos os cidadãos.

Sob uma perspectiva política torna-se necessário que os actuais marcos constitucionais combinem a protecção dos “direitos subjectivos” com a protecção dos “direitos étnicos” (Heller, 1990). Os direitos individuais e os princípios universalistas beneficiam mais a maioria branca, acomodada e formada social, académica e politicamente, em detrimento daqueles que pertencem a um grupo que não necessita destes parâmetros de êxito social, mas que, isso sim, necessita de representação política proporcional nas instituições democráticas (Aleman e Garcés, 1997).

Sob uma perspectiva social, a incorporação dos imigrantes é exequível a partir de um processo de interculturalidade. Tal significa, segundo Vachon (1995), um reencontro entre as culturas maioritárias e minoritárias a partir dos seus critérios e valores mais profundos para afrontar uma perspectiva transcultural, universal e supercultural que as supere a ambas. É certo que esse reencontro implica necessariamente um choque profundo que deriva dos seus símbolos, mitos, princípios e costumes mais ancestrais, mas que poderá ser resolvido se cada uma das culturas aprender a conhecer os seus limites inerentes, se auto-interprete e dialogue.

Sob uma perspectiva educativa poderia implementar-se o que Diaz-Aguado e Royo García denominam de “aprendizagem cooperativa” com membros de outros grupos étnicos, a partir da discussão e representação de conflitos étnicos com a finalidade de favorecer uma adequada compreensão das diferenças étnico-culturais, da empatia para com pessoas ou grupos que são sujeitos a situações discriminatórias e das expectativas e destrezas que permitam resolver os conflitos originados pela diversidade (1994: 248).

O anti-racismo conceptualiza-se como uma ideologia cujo objectivo é a eliminação da subordinação étnica estrutural, apostando numa política igualitarista a favor dos grupos e minorias mais desfavorecidos em termos sócio-culturais. Neste registo, George e Page (1995) corroboram as conceptualizações defendidas por Rex (1991) elegendo-o como um dos melhores representantes desta ideologia, para quem o conceito de raça é um termo mais utilizado a nível popular que um conceito científico propriamente dito. Para além disso, há uma intencionalidade funcional das ideologias dominantes no sentido da amplificação das diferenças raciais. As ideologias funcionam como sistemas de justificação ou de legitimação de desigualdades em torno de determinadas raças. Nesta linha de entendimento, como refere Dominelli (1992), o racismo edifica-se como um conjunto axiológico de falsas ideias sobre diferenças sociais e culturais pressupostamente necessárias que derivam de diferenças genéticas igualmente pressupostas, com a finalidade de legitimar projectos reais de exclusão e subordinação.

Até hoje, e ao longo de toda a história, o conceito de imigração tem sido definido como a necessidade humana de deslocação do próprio contexto vital para outros contextos com recursos económicos e sociais suficientes. É, por conseguinte, uma manifestação estruturada em diversas dimensões, quer sociais, culturais e linguísticas, quer económicas, jurídicas e políticas (Alonso Olafz, 1990; Besalu, 1994; Rainer Baubock, 1996).

Actualmente, é difícil conceber o fenómeno da imigração separado das manifestações de rejeição e discriminação social para com os colectivos que se deslocam, pelo que pensamos que o binómio imigração/xenofobia deverá ser tratado a partir de uma perspectiva científica que não sugira apenas explicações teóricas, mas que seja geradora de uma intervenção psico-social nas populações receptoras.

A presente investigação tem a sua origem num projecto mais amplo que tem como objectivo o fomento de atitudes anti-racistas no sistema educativo, suportando-se na crença básica de que o factor conhecimento (informação) se constitui como variável determinante que permite atenuar a configuração de preconceitos racistas perante os imigrantes e minorias étnicas¹.

Neste contexto, foram formuladas duas hipóteses de partida, a primeira das quais relativa à falta de informação que os estudantes do ensino básico e secundário manifestam no que diz respeito ao significado dos conceitos relacionados com racismo e xenofobia, e a segunda referente à mudança que a informação pode produzir nas suas atitudes para com os imigrantes. Optou-se por um desenho quase experimental de série temporal, com pré-teste e pós-teste, de modo a obterem-se observações antes e depois da aplicação da variável independente ao longo de um período determinado. De igual forma, foram idealizados três modelos que implicavam diferentes formas de pensar e agir relativamente aos imigrantes, constituindo a eleição de cada um deles a variável dependente.

Como variável independente foi utilizada a informação prestada aos estudantes, com recurso a diferentes materiais propositadamente elaborados para este estudo e estruturados em três blocos distintos : o primeiro de natureza audiovisual (videograma representativo dos traços da cultura mediterrânica), o segundo composto por material escrito (elaborado a partir de uma lista de conceitos relacionados com os termos imigração e xenofobia) e o terceiro, de tipo verbal, através de um colóquio liderado por um membro de uma organização de auto-ajuda a imigrantes.

Em suma, a investigação que seguidamente se descreve assenta nas seguintes questões orientadoras :

- i. Os estudantes do ensino básico e secundário manifestam falta de informação sobre os conceitos relacionados com o racismo e a xenofobia.
- ii. Os estudantes detentores de um maior nível de informação escolherão modelos de atitude menos reaccionários perante os imigrantes e, portanto, realizarão mais acções pró-activas em favor deles.

Metodologia

Sujeitos / Método

Junto do Ministério da Educação foi obtida uma lista da totalidade de estabelecimentos de ensino básico e secundário do Distrito de Lisboa, públicos e privados, que supostamente constituiriam o universo da amostra. Contudo, dado tratar-se de um estudo piloto, optou-se por reduzir substancialmente a amostra, limitando o seu universo à escolha aleatória de dois estabelecimentos, sendo um deles público e o outro privado. Os sujeitos, escolhidos de forma igualmente aleatória, tinham idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos e frequentavam desde o 9º ao 11º ano de escolaridade.

Na medida em que se tratava de um estudo preliminar, optou-se pela aplicação de um desenho quase experimental no sentido de testar as hipóteses de partida. Do elenco de desenhos quase experimentais foi escolhido o de série temporal, com pré-teste e pós-teste, que permitiu obter dados antes e depois da aplicação da variável independente, ao longo do período compreendido entre Outubro de 1996 e Janeiro de 1997.

Para testar a primeira hipótese foi pedida aos estudantes dos grupos experimental e de controlo uma definição de cada um dos 12 conceitos seleccionados - asilado, etnocentrismo, xenofobia, nacionalismo, imigrante, grupo étnico, discriminação, refugiado, preconceito, racismo, solidariedade e segregação.

Relativamente à segunda hipótese foram obtidos dados básicos - pré-teste - sobre a variável dependente. Assim, foi solicitada a todos os estudantes a escolha de um dos três modelos idealizados (Modelos G, Y e R) e a descrição de acções pró-activas que tivessem eventualmente realizado a favor de imigrantes e/ou de minorias étnicas.

Seguiu-se a aplicação da variável independente aos estudantes do grupo experimental, através da prestação de informação de tipo audiovisual, oral e escrita, que adiante será caracterizada no ponto consagrado à elaboração de materiais. Três meses mais tarde foi aplicado o pós-teste, quer ao grupo experimental, quer ao grupo de controlo. Os estudantes foram de novo convidados a escolher um dos três Modelos bem como a descrever acções pró-activas que tivessem realizado desde o pré-teste, verificando-se, assim, de que forma a variável independente (informação) influenciou a variável dependente (eleição de modelos e realização de acções pró-activas).

Instrumentos

Na presente investigação recorreu-se a instrumentos originalmente elaborados em língua espanhola e já aplicados no estudo piloto realizado em Espanha, tendo-se previamente procedido à tradução para a língua portuguesa de todo o material escrito utilizado.

Foram utilizados três modelos descritivos que traduzem formas diversas de pensar e actuar relativamente ao fenómeno da imigração, assumindo-se que, perante os imigrantes, os sujeitos reagem no sentido da escolha de um dos três modelos, sem contudo se pretender esgotar, com estes três pressupostos, os possíveis modos de sentir, actuar e pensar sobre este fenómeno psicossocial.

Cada um dos modelos tem um objectivo, seguido de pensamentos básicos que o sustentam, e de um elenco de acções pró-activas e pensa-

mentos concretos que uma pessoa ou grupo de pessoas estaria na disposição de levar a cabo se concordasse com o modelo.

O primeiro dos três modelos, designado pela letra R, está teoricamente conceptualizado como um “modelo reaccionário”, tendo como objectivo principal o de assimilar os imigrantes aos padrões culturais da sociedade maioritária receptora. Tal assimilação implicará a incorporação do imigrante na cultura autóctone, transformando assim os seus padrões ao diluí-los na cultura receptora maioritária. É um modelo que não respeita a singularidade cultural da pessoa imigrante, pressupondo um conflito de valores com a sociedade receptora. De igual modo, os sujeitos que optarem por este modelo racionalizam através do individualismo que as pessoas devem solucionar por si próprias os problemas que lhes dizem respeito, não estando dispostos a empreender acções pró-activas a favor dos imigrantes.

O segundo modelo, designado pela letra G, promove a interacção de diferentes culturas e implica a realização de diferentes acções. Neste caso, opta-se pela tolerância, podendo o modelo ser identificado como aquele que promove democraticamente o fenómeno multicultural. Se, por um lado, não se empenha na defesa “seja como for” dos imigrantes, favorece, por outro, a convivência intercultural e o respeito pelas normas estabelecidas.

O terceiro e último modelo, que foi designado pela letra Y, é puramente anti-racista e tem como objectivo que os imigrantes tenham os mesmos direitos e oportunidades que os membros do país receptor. É crítico para com o “establishment” no que diz respeito às leis que limitam esses direitos e pressupõe um grau de implicação pessoal e política activa a favor dos imigrantes.

Elaboração dos materiais

Para a elaboração do material audiovisual partiu-se do pressuposto de que os países que são banhados pelo Mediterrâneo compartilham similitudes culturais que, numa perspectiva etnocêntrica, são aparentemente interpretadas como antagónicas. A forma de ultrapassar este preconceito consistia, a nosso ver, em exprimir, através de imagens, como os hábitos de todos esses países têm pontos de referência comuns.

Para operacionalizar esta ideia foram seleccionados, primeiramente através de um critério de proximidade, alguns países mediterrâneos, tendo-se escolhido, de entre eles, Tunísia, Marrocos, Argélia e Espanha. Após esta escolha, coligiram-se materiais bibliográficos descritivos da

cultura desses países. Quatro juízes responsabilizaram-se, de forma individual, pela identificação das características estruturantes de cada uma das suas culturas. Posteriormente, juntou-se todo o material e discutiram-se as suas características com o objectivo de extrair os factores empíricos comuns relativos à economia, artesanato, cultura e costumes. Todos eles ficaram reflectidos em guião literário posteriormente adaptado para guião cinematográfico. Após várias reuniões, os módulos propostos no guião literário inicial ficaram definidos da seguinte forma : realidade física, humana (pessoas e povos), trabalho, actividades e, em último lugar, a cultura. As imagens foram visualizadas pela equipa de investigação em reunião de supervisão, a fim de comprovar a adequação das mesmas aos objectivos propostos. Numa segunda sessão foram visionadas por vários juízes para recolha de opinião.

O material escrito foi elaborado a partir da recompilação, selecção e posterior leitura do material bibliográfico reunido pela equipa de trabalho relativamente aos temas racismo, xenofobia e imigração. Foi a partir desses textos bibliográficos que cada um dos juízes fez uma primeira extracção dos conceitos mais significantes e representativos, normalmente utilizados pelos meios de comunicação social. Num primeiro momento, o número de termos seleccionados foi de catorze. O passo seguinte consistiu em procurar uma definição clara e simples para cada um dos conceitos, sem desvirtuar as definições adoptadas por autores especialistas neste campo, mas introduzindo ajustamentos oportunos na linha dos critérios assinalados, atendendo a que a amostra seleccionada para esta pesquisa era constituída por estudantes jovens. Através de diferentes sessões de trabalho de equipa foram sendo propostas modificações destes conceitos, até à sua delimitação final. Os doze conceitos definitivamente adoptados foram os seguintes : asilado, etnocentrismo, xenofobia, nacionalismo, imigrante, grupo étnico, discriminação, refugiado, preconceito, racismo, solidariedade e segregação.

A informação como variável independente e determinante para a mudança de atitudes racistas complementava-se através de uma informação verbal aos estudantes que integravam o grupo experimental. Esta informação foi disponibilizada através de uma conferência proferida por um representante de uma Organização não Governamental de ajuda a imigrantes sediada na cidade de Lisboa. Neste caso concreto, tratou-se de uma organização de auto-ajuda constituída por timorenses. O conferencista expôs uma série de informações que previamente tinha partilhado com a equipa de investigação no sentido de avaliar a sua pertinência. As temáticas escolhidas estavam relacionadas com a geografia do país e com a sua situação económica, política e social. Foram igualmente abordados

os aspectos históricos que tinham a ver com a criação da Associação, objectivos, desenvolvimento, programa de actividades, infraestruturas e atendimento público. Para além disso, foram ainda expostas as funções desenvolvidas pelo voluntariado desta associação, o trabalho que estava sendo realizado na altura bem como as propostas futuras. A intervenção do conferencista convidado teve uma duração de trinta minutos, abrindo-se posteriormente um debate sobre as questões que tinham suscitado maior interesse entre os estudantes.

Procedimento

A implementação metodológica do projecto foi concomitantemente realizada nos estabelecimentos público e privado previamente seleccionados.

A primeira sessão do Grupo de Controlo foi realizada na semana de 30/09 a 04/10/1996 em ambos os estabelecimentos de ensino, teve a duração aproximada de 35 minutos e foi dividida em três momentos distintos. Num primeiro momento o investigador foi apresentado aos estudantes por um professor escolhido aleatoriamente, tendo sido prestada toda a informação necessária à realização da primeira sessão. A cada um dos sujeitos presentes foi atribuído um número que ficou registado na caderneta escolar por forma a evitar a perda de sujeitos por esquecimento, caso se tivesse optado pela memorização do número atribuído. Promoveu-se a distribuição de uma folha em branco a cada um dos estudantes, tendo-lhes sido solicitado o registo do respectivo número no canto superior direito. Foram então ditados em voz alta e posteriormente escritos no quadro os 12 conceitos seleccionados, relativamente aos quais cada um dos estudantes deveria atribuir uma definição. Num segundo momento, procedeu-se à entrega de uma folha contendo a descrição de cada um dos três modelos previamente elaborados (Modelos G, Y e R) e, após ter sido explicado aos sujeitos que cada uma das descrições apresentadas traduzia diferentes maneiras de entender o fenómeno da imigração e das minorias étnicas, foi-lhes solicitado que escolhessem o modelo com que mais se identificassem. No terceiro e último momento, foi pedido aos sujeitos que descrevessem eventuais acções pró-activas que até esse momento tivessem porventura realizado a favor de imigrantes ou de minorias étnicas.

Ainda no que se refere ao Grupo de Controlo, três meses após a realização da sessão de pré-teste, teve lugar uma segunda sessão (13 a 17/01/1997) - pós-teste, no âmbito da qual foi de novo distribuída a folha contendo as descrições de cada um dos três modelos elaborados, tendo

sido solicitado aos sujeitos que optassem novamente por um deles e, para além disso, que descrevessem eventuais acções pró-activas que tivessem realizado a favor dos imigrantes desde a primeira sessão.

No que diz respeito ao Grupo Experimental foram realizadas 4 sessões de trabalho, a primeira das quais idêntica à descrita para o Grupo de Controlo, e realizada na mesma data em ambos os estabelecimentos de ensino.

A segunda sessão teve lugar uma semana depois (07 a 11/10/1996) e foi dividida em duas partes. Na primeira parte foi projectado o videograma produzido especialmente no âmbito da presente investigação, através do qual se oferecia informação específica sobre os traços culturais dos países mediterrâneos. Na segunda parte da sessão foram devolvidas aos sujeitos as folhas nas quais tinham auto-redigido as definições de cada um dos 12 conceitos seleccionados e foi-lhes entregue um folha adicional, dactilografada, contendo as definições correctas de cada um dos conceitos por forma a permitir que os sujeitos comparassem estas com as que tinham redigido na primeira sessão.

A terceira sessão realizou-se uma semana depois (14 a 18/10/1996) com a participação de um conferencista convidado. No seguimento da conferência proferida, com duração aproximada de 30 minutos, foi aberto um período de debate no âmbito do qual foi dada oportunidade aos sujeitos para colocarem as questões que entendessem.

Após a realização das três primeiras sessões - pré-teste - a quarta e última sessão do Grupo Experimental - pós-teste - teve lugar três meses depois (semana de 13-17/01/1997) em ambos os estabelecimentos de ensino seleccionados, na mesma data em que foi realizada a segunda sessão do Grupo de Controlo, e foi organizada em moldes idênticos aos anteriormente descritos para esta sessão.

Resultados

Em termos globais, os resultados obtidos no pré-teste evidenciam que os estudantes do ensino básico e secundário que integraram a amostra não estavam familiarizados com o significado da maior parte dos conceitos relacionados com o fenómeno da imigração e das minorias étnicas. Dos doze conceitos seleccionados, o conceito de imigrante revelou-se como sendo aquele que melhor parece estar interiorizado pelos estudantes enquanto que, no pólo oposto, se destaca o conceito de solidariedade como o menos conhecido. De um modo geral, os estudantes mostraram-se mais familiarizados com os conceitos de Imigrante, Refugiado e Grupo

Étnico e menos identificados com os conceitos de Solidariedade, Segregação e Preconceito (Quadro 1).

Quadro 1: Dados referentes ao Pré-Teste (%)

	GE/EPUB	GE/EPRV	GC/ EPUB	GC/EPRV
Conceitos	n = 34	n = 47	n = 33	n = 71
Asilado	2,0	16,3	9,1	12,7
Discriminação	10,8	26,9	17,2	25,4
Etnocentrismo	-	23,4	4,0	19,7
Refugiado	23,5	31,2	21,2	37,1
Xenofobia	2,0	20,6	3,0	15,0
Preconceito	2,0	5,7	4,0	12,7
Racismo	4,0	11,3	6,1	9,4
Imigrante	53,0	56,7	55,6	53,1
Solidariedade	-	2,1	-	1,0
Grupo Étnico	10,8	32,6	16,2	30,5
Segregação	-	5,0	1,0	10,8
Nacionalismo	5,9	19,9	5,1	25,4

Legenda: GE: Grupo Experimental; GC: Grupo de Controlo;
EPUB: Estabelecimentos Público;
EPRV: Estabelecimentos Privados

De notar, no entanto, que o significado do conceito de solidariedade foi tendencialmente deturpado com atribuições de carácter altruísta e filantrópico.

No que se refere à eleição dos modelos propostos, constataram-se mudanças visíveis quando se comparam os resultados obtidos no pré-teste e no pós-teste, quer no Grupo Experimental, quer no Grupo de Controlo.

Uma primeira alteração regista-se ao nível dos Grupos Experimentais (Quadro 2) de ambos os estabelecimentos de ensino, verificando-se um aumento do número de sujeitos que escolheram o Modelo Y, modelo este que fomenta a garantia dos direitos e liberdades dos imigrantes, promovendo a implicação pessoal dos jovens na mudança de situações que geram desigualdade e rejeição. Por outro lado, sendo o Grupo Experimental aquele a quem foi fornecida informação através de material audiovisual, escrito e verbal, assistiu-se, também, a um aumento da rejeição do modelo tolerante (G) a favor da eleição do modelo anti-racista (Y).

Quadro 2: Resultados da selecção de modelos pelos estudantes do Grupo Experimental

Estabelecimento Modelos	<i>Pré-teste</i>				<i>Pós-teste</i>			
	Privado		Público		Privado		Público	
	n	%	n	%	n	%	n	%
modelo G	15	44,1	48	59,6	7	22,6	19	51,4
modelo Y	15	44,1	15	31,9	22	71,0	14	37,8
modelo R	4	11,8	4	8,5	2	6,4	4	10,8
Total	34	100,0	47	100,0	31	100,0	37	100,0

Contudo, foram observadas diferenças ao nível da preferência pelo Modelo R, caracterizado como individualista e baseado na rejeição e na discriminação, entre os Grupos Experimentais dos estabelecimentos público e privado. De facto, enquanto que no estabelecimento privado a percentagem de sujeitos que escolheram o Modelo R se manteve praticamente constante, no estabelecimento público essa mesma percentagem reduziu-se para metade, quando se comparam os resultados obtidos no pré-teste e no pós-teste.

No que respeita ao Grupo de Controlo (Quadro 3), verificou-se em ambos os estabelecimentos de ensino o aumento do número de estudantes que optaram pelo Modelo G, identificado com posturas tolerantes de interacção e respeito mútuo, ao mesmo tempo que se registou, em ambos os casos, uma diminuição do número de estudantes que escolheram os modelos anti-racista (Y) e R, conceptualizado como modelo reacçãoário.

Quadro 3: Resultados da selecção de modelos pelos estudantes do Grupo de Controlo

Estabelecimento Modelos	<i>Pré-teste</i>				<i>Pós-teste</i>			
	Privado		Público		Privado		Público	
	n	%	n	%	n	%	n	%
modelo G	10	30,3	31	43,7	13	48,2	36	62,1
modelo Y	19	57,6	17	23,9	12	44,4	8	13,8
modelo R	4	12,1	23	32,4	2	7,4	14	24,1
Total	33	100,0	71	100,0	27	100,0	58	100,0

Os resultados obtidos sugerem que o aumento do nível de informação prestada aos Grupos Experimentais dos estabelecimentos público e privado constitui um factor determinante para a escolha do modelo anti-racista, contrariamente ao que se verificou nos Grupos de Controlo, nos quais os sujeitos evidenciaram tendência para uma escolha democrática, consubstanciada no aumento da eleição do Modelo G, descrito como tolerante e fomentador de uma convivência multi-cultural. A análise qualitativa das acções pró-activas realizadas pelos estudantes envolvidos na pesquisa a favor dos imigrantes permitiu-nos, em termos de conteúdo, elaborar uma categorização dicotómica que tipifica dois tipos de acções. Um primeiro tipo incluiu as designadas acções fracas, caracterizadas pela demonstração de um nível baixo de solidariedade para com os imigrantes, associado com um baixo grau de implicação pessoal dos sujeitos. Pelo contrário, as acções qualificadas de fortes evidenciam um maior grau de implicação pessoal, observando-se uma predisposição dos sujeitos para a assunção de atitudes de explicitação ideológica manifesta e de motivação para a realização de acções concretas.

No universo da amostra de estudantes envolvidos na pesquisa constata-se que as acções pró-activas realizadas, quer ao nível do pré-teste, quer ao nível do pós-teste, são predominantemente do tipo fraco. Os estudantes consideravam como acções pró-activas os laços de amizade que mantinham com pessoas de outras etnias bem como manifestações altruístas consubstanciadas quer na distribuição directa de donativos, económicos ou em géneros, quer de forma indirecta através da participação em campanhas de colecta de géneros (v.g. participação em acções do banco alimentar).

No que concerne ao Grupos Experimentais de ambos os estabelecimentos de ensino não se verificou um incremento de acções pró-activas por via da implementação do projecto. Apesar de terem escolhido modelos de atitude menos reaccionários, os estudantes detentores de um maior nível de informação (pós-teste) não realizaram maior número de acções pró-activas, pelo que a segunda hipótese de trabalho foi apenas parcialmente confirmada.

Discussão

De um modo geral, o presente estudo ofereceu alguma evidência empírica sobre a importância do papel desempenhado pela informação na mudança de atitudes racistas e xenófobas relativamente a imigrantes e minorias étnicas.

A abordagem metodológica utilizada apresenta algumas desvantagens e limitações que têm a ver com o *design* geral e com os procedimentos uti-

lizados. Em primeiro lugar refira-se a impossibilidade de se efectuar um controlo estrito, uma vez que a variável independente (informação prestada) é seleccionada mas não directamente manipulada pelo experimentador. Acresce que, tratando-se de um estudo preliminar, a dimensão da amostra foi à partida propositadamente reduzida, redução que veio a ser ampliada pela ocorrência de casos de mortandade experimental entre o pré-teste e o pós-teste, em grande parte devido ao facto de alguns dos sujeitos que voluntariamente de dispuseram a participar no estudo terem vindo a mostrar desinteresse no decurso dos cerca de 3 meses estabelecidos no procedimento, deixando de comparecer às sessões.

Com este estudo piloto pretendeu-se enfatizar o papel preventivo da informação prestada no contexto da temática da imigração, em especial no que diz respeito aos fenómenos do racismo e da xenofobia.

Os resultados obtidos sugerem a construção de novos e renovadas estratégias de intervenção, baseadas em modelos de cariz teórico-prático que permitam operacionalizar a informação prestada, de modo a promover uma acção educativa neste campo dirigida à população em geral e, em particular, aos sectores mais jovens.

Os resultados deste estudo apontam para a necessidade do fortalecimento da rede sócio-educativa, com o propósito de promover atitudes que favoreçam a convivência multicultural. Parte-se do pressuposto de que o intercâmbio de valores entre culturas distintas - o multiculturalismo - é um conceito susceptível de ser aprendido e interiorizado. Mais concretamente, tratar-se-ia de levar a cabo uma intervenção sócio-educativa, quer através de Associações de Juventude, quer a nível da própria rede de estabelecimentos de ensino básico e secundário, eventualmente materializada em campanhas de sensibilização de informação e baseada no princípio da compatibilização da singularidade pessoal e cultural com a coexistência e convivência intercultural, aceitando e compreendendo as diferenças.

Por último, no âmbito do sistema educativo será necessária uma política adequada que favoreça a igualdade social, procurando diluir preconceitos socialmente enraizados e prevenir a sedimentação e o incremento de atitudes racistas e xenófobas. Porém, considera-se imprescindível uma intervenção constante e sistematizada, evitando o recurso a acções pontuais, de eficácia duvidosa, se quisermos que se produza uma mudança significativa na aceitação e valorização dos outros.

De facto, tudo o que o não for socialmente prevenido e conquistado pelo recurso a intervenções de carácter educativo no seu sentido mais amplo, tenderá mais tarde a ser regulado e normatizado através do ordenamento jurídico-legal.

Notas

1 Agradecimentos: Esta investigação foi financiada pela *Generalitat Valenciana, Conselleria de Educación y Ciencia* e contou com o apoio do Instituto Superior de Ciências da Saúde-Sul no âmbito do protocolo estabelecido entre este Instituto e a Universidade de Valência.

Referências bibliográficas

- ABAD, L. , CUCÓ, A. e IZQUIERDO, A., *Inmigración, Pluralismo y Tolerancia*, Madrid, Popular, 1993;
- ALEMAN, M. e GARCÉS, J., "Intervención socio-jurídica con otros colectivos preferentes de actuación", in L.GARCIA VILLALUENGA (Ed.), *El Derecho y los Servicios Sociales*, Granada, Editorial Comares,1997;
- ALONSO OLAÍZ, E., "Minorías étnicas, inmigrantes extranjeros, racismo y trabajo social comunitario", *Revista de Trabajo Social*, 17, 1990, 89-101;
- BAUBOCK, R., "Cultural minority rights for immigrants", *International Migration Review*, 30, 1,1996, 203-250;
- BESALU, X., "Education intercultural en Europa", *Documentation Social*, 97,1994, 115-128;
- DE LUCAS, J., *El desafío de las fronteras*. Madrid, Temas de Hoy, 1994;
- DIAZ-AGUADO, M.J. e ROYO GARCIA, P., "Educar para la tolerancia. Programas para favorecer o desarrollo de la tolerancia a la diversidad", *Infancia y Sociedad*, 27/28, 1994, 248-260;
- DOMINELLI, L., "An uncaring profession? An examination of racism in social work" , in BRAHAM, P. , RATTANSI, A. & SKELLINGTON, R. (Eds.), *Racism and antiracism : Inequalities, opportunities and policies*, London, Sage Publications, 1992;
- GARCÉS, J., RODENAS, F., SANCHEZ, S. y VERDEGUER, I., "Inmigrantes en España. Heurísticos para la interculturalidad", in J. GARCÉS FERRER & A. MARTINEZ ROMAN (Eds.), *Bienestar social y necesidades especiales*, Valencia, Tirant Lo Blanch,1996;
- GEORGE, V. e PAGE, R., *Modern thinkers on welfare*, London, Prentice Hall, 1995;
- HELLER, A., *Más allá de la justicia*, Barcelona, Editorial Crítica, 1990;
- JIMENEZ NUÑEZ, A., *Antropología cultural. Una aproximación a la ciencia de la educación*, Madrid, Mº de Educación e Ciencia, 1979;
- REX, J., *Ethnic identity and ethnic mobilisation in Britain, Monographs in Ethic Relations*, 5, Warwick, Centre for Research in Ethnic Relations, 1991;
- VACHON, R., "Guswenta uo l'imperatif interculturel", *Interculture*, 30, 2,1995, 216-232 .

Maria do Rosário Dias, Profª Auxiliar Convidada do Instituto Superior de Ciências da Saúde - Sul. Qualquer correspondência relativa a este artigo poderá ser enviada para Instituto Superior de Ciências da Saúde - Sul, Quinta da Granja-Travessa da Granja, 2825 Monte da Caparica.Teléfono: (01) 294 1856/64/72/80. Fax : (01) 2941888.

Jorge Garcés Ferrer, Professor Catedrático da Universitat de València, Dep. de Treball Social e Serveis Socials. Campus Tarongers. Av. dels Tarongers. s/n. 46011 València. Teléfono : 382 82 04 -382 81 80, Fax - 382 81 88.

Francisco Ródenas Rigla, Professor Ayudante da Universitat de València, Dep. de Treball Social e Serveis Socials. Campus Tarongers, Av. dels Tarongers. s/n, 46011 València. Teléfono: 382 82 04 -382 81 80, Fax : 382 81 88.